MODERNOS & CONTEMPORÂNEOS

Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025.

# O sentido da cena onírica: Freud e a história da investigação dos sonhos

# The meaning of the oneiric scene: Freud and the history of dream research

Richard Theisen Simanke[1]

**Resumo**: Freud reivindica a descoberta do sentido dos sonhos e a criação de um método científico para desvelá-lo – uma reivindicação que tem sido, de modo geral, admitida dentro e fora da psicanálise. Contudo, há uma longa história de pesquisa científica sobre os sonhos anterior, tanto fisiológica quanto psicológica, na qual muitas das intuições teóricas e metodológicas freudianas se encontram formuladas e foram ativamente aproveitadas na construção da concepção psicanalítica dos fenômenos oníricos. Essa história é, pois, indispensável para a compreensão e contextualização da teoria freudiana, mas permanece ainda amplamente desconhecido, tanto na história da psicanálise quanto na história das ideias científicas. O objetivo deste artigo é argumentar por essa importância e apresentar uma visão preliminar dessas tradições de pesquisa e sua relação com o pensamento de Freud.

**Palavras-chave**: Psicanálise; Freud; História da Psicanálise; Ciência dos Sonhos; Sentido; Interpretação.

**Abstract**: Freud claimed to have discovered the meaning of dreams and created a scientific method to uncover it. This claim has generally been accepted within and outside of the field of psychoanalysis. However, a long history of scientific research on dreams exists, including physiological and psychological studies. Many of Freud's theoretical e methodological insights were formulated in these studies and were used to develop the psychoanalytic conception of dream phenomena. This history is indispensable for understanding and contextualizing Freud's theory but remains largely unknown in the histories of both psychoanalysis and scientific ideas. This article aims to highlight the importance of this history and present a preliminary overview of these research traditions and their relationship to Freud's thinking.

**Keywords**: Psychoanalysis; Freud; History of Psychoanalysis; Science of Dreams; Meaning; Interpretation.

1 Professo Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor Visitante da Universidade de Essex (Reino Unido).

## Introdução

Para compreender a significação da contribuição freudiana para a investigação dos fenômenos oníricos, é preciso primeiro situá-la no contexto das diversas correntes de pensamento sobre os sonhos que precederam Freud e com as quais ele conviveu e dialogou. Isso porque, mais frequentemente, a dupla "descoberta" que lhe é atribuída – de que os sonhos tenham um sentido e de que este sentido consista numa realização de desejo – se situa no centro de uma reivindicação de prioridade e originalidade na qual Freud insistirá cada vez mais depois e à qual se encontra subordinada a visão que apresenta da ciência dos sonhos que o precede, principalmente na revisão de literatura que abre *A interpretação dos sonhos*, em suas diversas atualizações ao longo das reedições da obra e noutras manifestações posteriores. Basicamente, esta visão sustenta que a abordagem científica dos sonhos anterior à psicanálise era essencialmente fisiológica e mecanicista, recusando ao sonho qualquer valor ou significação psíquica e reduzindo-o a um epifenômeno das condições fisiológicas de operação do sistema nervoso durante o estado de sono. Apenas as concepções pré-científicas sobre o caráter sagrado e divinatório dos sonhos lhes teria reconhecido sentido, valor e a possibilidade de sua interpretação, de modo que Freud pode se apresentar como o primeiro *cientista do sonho* a efetivamente articular estas duas visões e propor a *interpretação* (*Deutung*) do sonho como um método *científico* de abordá-lo, colocando a sua *significação* (*Bedeutung*) no centro de uma teoria que lhe atribui pleno valor psíquico e, mesmo, um caráter paradigmático para a maneira como os fenômenos mentais são determinados causalmente por um psiquismo inconsciente, sem prejuízo das relações de sentido que conferem especificidade ao campo psicológico e requerem uma disciplina científica específica para estudá-lo – função que seria, evidentemente, reivindicada, então, pela psicanálise. Embora Freud não deixe de assimilar as ideias dos autores que discute quando estas convergem com sua própria visão dos sonhos, estas são, na maior parte das vezes, apresentadas como honrosas exceções num deserto de desconhecimento ou como *insights* pontuais numa paisagem teórica que, como um todo, permanece desolada e insuficiente, só revelando seu pleno sentido e valor quando inseridos na arquitetura conceitual que o próprio Freud se empenha em construir. Deste modo, ele consegue conciliar sua reivindicação de prioridade e ineditismo com o fato de que as principais ideias de sua teoria já se encontrassem, de uma maneira ou de outra, presentes na literatura da área, pois priva esta literatura de qualquer papel formativo na gênese de suas próprias concepções.

Esse trabalho prévio de contextualização é imprescindível para que se possa elucidar o sentido e avaliar a originalidade da contribuição freudiana.[2] É um trabalho que se faz ainda mais necessário porque a ideia de que a história

2 Ver Simanke (2020), Simanke e Caropreso (2017; 2018), Simanke, Pinto, Perez e Loner (2025) e Simanke e Pinto (2021) sobre a proposta e justificação de um método histórico-conceitual para o estudo das teorias psicanalíticas.

da pesquisa psicológica científica sobre os sonhos começa do zero com Freud se tornou prevalente, não apenas dentro dos meios psicanalíticos – nos quais o caráter revolucionário e inovador das teses freudianas não costumam ser ordinariamente questionados –, mas na historiografia da ciência dos sonhos de modo geral. Esta aceitação foi possibilitada pelo caráter fragmentário e incipiente desta historiografia, pelo menos até muito recentemente, para o que a aceitação relativamente inconteste da visão freudiana de que nada de muito interessante havia para se conhecer antes da psicanálise com certeza contribuiu.

A reconstituição desta história da pesquisa sobre os sonhos será apresentada aqui apenas de forma panorâmica e geral, além de inevitavelmente incompleta, devido a limitações de espaço e à vastidão do campo de conhecimento a ser coberto. A ideia é tão somente fornecer uma amostragem de evidências de que a história dessa pesquisa não começa com Freud. Com este fim, apresenta-se, no que se segue, um panorama geral e esquemático da história da pesquisa sobre os sonhos e das relações de Freud com esta história. Como o cerne da reivindicação freudiana de originalidade é a tese do sonho como realização de desejo, um segundo artigo, complementar a este, examinará como essa tese se faz presente nessas tradições.

## Freud e a história da ciência dos sonhos na historiografia psicanalítica

Um tema central na condução deste trabalho e parte da justificativa para a necessidade de empreendê-lo é a omissão, ainda prevalente na história da psicanálise, das relações de Freud com o seu ambiente científico e intelectual e do papel formativo que estas interlocuções desempenharam na construção de sua teoria e da psicanálise como um todo. Como resultado, temas longamente debatidos em diversas correntes científicas, filosóficas ou literárias e suas respectivas áreas de aplicação – psicologia, biologia, medicina, direito e educação, entre outras – têm sido apresentados como tendo em Freud o marco inicial de sua descoberta e discussão. Estes temas incluem aspectos cruciais do conhecimento psicanalítico, tais como a sexualidade infantil, a etiologia sexual das patologias mentais e a própria teoria do inconsciente, entre outros.

A crítica destas distorções tem tomado forma nas últimas décadas (Sauerteig, 2012; Simanke, 2016; Ffytche, 2012; Sand, 2014), mas certos temas ainda requerem uma atenção mais cuidadosa e um estudo sistemático. Um destes temas, com certeza, é a história da pesquisa científica sobre os sonhos antes de Freud, assim como a visão geral dos fenômenos oníricos em outras áreas de conhecimento e da cultura europeia nos séculos XVIII e XIX. Não há dúvida de que o estudo dos sonhos é um marco de fundação da psicanálise freudiana e permanece um aspecto central e emblemático desta disciplina até hoje. A visão desta questão que se encontra mais difundida na historiografia da psicanálise compartilha de certos aspectos daquelas outras mencionadas acima. Também aí Freud é apresentado como tendo feito uma descoberta inovadora e radical, na contramão de tudo ou quase tudo que se sabia sobre

os sonhos antes dele. Em outras palavras, os sonhos são reconhecidos por ele como um fenômeno psíquico legítimo e esclarecedor das leis gerais do funcionamento mental, mas este caráter teria sido antes majoritariamente ignorado pela pesquisa científica. Esta pesquisa se teria concentrado, sobretudo, numa explicação fisiológica, na qual o sonho é visto como uma reação mecânica da mente adormecida, causada por estímulos sensoriais externos ou corporais; por isso mesmo, ele seria desprovido de qualquer significação ou relevância psicológica. Suas peculiaridades se explicariam apenas pelas características distintivas da atividade nervosa durante o sono. Apenas as concepções populares ou pré-científicas do sonho o teriam concebido como dotado de sentido e passível de interpretação. Disso se conclui que Freud teria sido, então, o primeiro cientista a integrar estas duas visões e atribuir um papel causal e explicativo ao sentido do sonho, como, aliás, ele próprio reivindica.

O caso dos sonhos, no entanto, apresenta certas idiossincrasias quando comparado com outros tópicos do mito de fundação da psicanálise. Em primeiro lugar, Freud debateu diretamente com a literatura anterior sobre os fenômenos oníricos, apresentou-a de forma bastante abrangente e discutiu-a criticamente na *Traumdeutung*, sobretudo em seu capítulo inicial, assim como em revisões acrescentadas a edições posteriores e, de forma menos detalhada, em outros trabalhos sobre os sonhos. Embora ele tenha empreendido revisões de literatura semelhantes em outras obras, tais como os *Três ensaios* e *Totem e tabu*, elas não têm a mesma envergadura e abrangência, sendo realizadas à medida que a construção do seu próprio argumento avança, e não como um trabalho preliminar em separado e relativamente independente do corpo principal do trabalho, pelo menos à primeira vista. A preocupação freudiana com a literatura sobre os sonhos acompanhou todo o desenvolvimento da sua teoria e recebeu diversas atualizações nas edições posteriores da *Traumdeutung*, incluindo obras de dentro e de fora do movimento psicanalítico em formação. Além do mais, as inclusões e exclusões destes levantamentos e ensaios bibliográficos, assim como as revisões do livro como um todo, mapeiam as vicissitudes do movimento psicanalítico ao longo da vida de Freud e das reedições de seu *opus magnum* (Marinelli; Mayer, 2003).

Estas peculiaridades conferiram um curioso destino à leitura freudiana da história da ciência dos sonhos. Dentro dos meios psicanalíticos, é comum e esperada a aceitação mais ou menos incondicional do julgamento freudiano sobre outras visões científicas ou filosóficas de temas dos quais a psicanálise veio a se ocupar, principalmente quando estas são representadas de forma negativa. Mas a revisão freudiana da pesquisa sobre os sonhos do século XIX se tornou um trabalho de referência mesmo *fora da psicanálise*, como uma espécie de última palavra sobre o estado da arte no período anterior a 1900. Como um exemplo precoce desta aceitação, pode-se mencionar o trabalho de Ludwig Binswanger – um filósofo e psiquiatra interessado pela psicanálise, mas, de forma alguma, um seguidor incondicional de

Freud – que, ao final dos anos 1920, no prefácio de seu livro *Transformações na concepção e interpretação dos sonhos dos gregos até o presente*, admite:

> No que diz respeito à utilização da literatura mais recente, quase não entrei na literatura sobre os problemas do sonho, já tratada tão magistralmente por Freud no primeiro capítulo da sua *Interpretação dos Sonhos*, de modo que este capítulo pode ser utilizado para complementar a nossa exposição (Binswanger, 1928, p. v).

Um pouco mais tarde, numa obra de temática semelhante, a Baronesa Olga Freiin von König-Fachsenfeld (1935), se baseia, não obstante sua orientação junguiana, inteiramente em Freud para uma apresentação geral das teorias fisiológicas sobre os sonhos (Pigman, 2002). Já no final dos anos 1970 – e apesar dos avanços na historiografia da psicanálise em curso naquele período[3] –, o psicólogo norte-americano Benjamin Wolman abria, ainda, o prefácio de uma obra de referência sobre os sonhos por ele editada com a plena aceitação do pioneirismo absoluto de Freud na descoberta do sentido e da explicação científica dos sonhos:

> Antes de Freud, os sonhos eram ou supervalorizados como áugures de acontecimentos futuros ou dispensados como exercícios de fantasia desprovidos de sentido. O determinismo infatigável e persistente de Freud levou à fecunda e heurística descoberta do sentido dos sonhos. Não havia espaço para coincidências no sistema freudiano de causas e efeitos e um lugar próprio tinha que ser atribuído aos sonhos em sua teoria (Wolman, 1979, p. vii).

Outro contribuinte para este mesmo volume é ainda mais explícito e enfático nesta atribuição de inquestionável prioridade e na avaliação do estado da arte antes da emergência da psicanálise:

> *Freud compôs nossa primeira narrativa científica dos sonhos* e colocou-a no centro de nossa primeira narrativa científica do desenvolvimento humano – individual e coletivo. A narrativa tem sido antagonizada, revisada, estendida e amplificada à luz de muita pesquisa subsequente, tanto clínica quanto experimental. Ao introduzir desta maneira o capítulo sobre a teoria de Freud, pretendo enfatizar a futilidade de avaliá-la na sua forma original. *Seu valor é único: ela começou a composição de teorias científicas sobre o que os sonhos são, porque as pessoas os sonham e qual é a sua relação com eles*. Por mais que recuemos na evolução humana tal como a conhecemos, estas questões têm estimulado narrativas religiosas, mágicas e poéticas. *Apenas a ciência as evitou, até que Freud a forçou a confrontá-las* (Jones, 1979, p. 271-272, grifos nossos).

Essa posição é reiterada adiante no texto, mais uma vez sem meias palavras:

> Freud única e exclusiva intenção era compor a primeira teoria *científica* dos sonhos. Relembrando no que a ciência consistia em

3 Os trabalhos pioneiros na renovação dessa historiografia começaram a aparecer nos anos 1960 e 1970, embora sua disseminação e impacto na maneira de conceber a formação e desenvolvimento da psicanálise tenham se manifestado e ganhado força bem mais tarde. Podem-se citar como exemplo Roazen (1975), Ellenberger (1970/1994), Andersson (1962), entre outros.

> 1900, isto significava que ele tinha que se focar na *causa* dos sonhos. Se os sonhos tinham propósitos ou efeitos interessantes, estes tinham de passar despercebidos até ser provado cientificamente que os sonhos eram objetos de estudo dotados de sentido (Jones, 1979, p. 279, grifos do autor).

Estas são posições extremas, mas de modo algum atípicas. De volta ao campo junguiano, Hall (1984, p. 125, grifos nossos) afirma que "explorando *a terra desolada da teoria e pesquisa dos sonhos*, Freud virtualmente esculpiu uma nova teoria do sentido dos sonhos baseada em suas próprias observações e especulações teóricas", reiterando, assim, tanto a ideia de um vazio de conhecimento anterior a Freud quanto a tese correlata de que sua teoria derivou exclusivamente de seu próprio trabalho científico, empírico e teórico, e nada deve a seu ambiente intelectual, no qual, de qualquer modo, se assume que nada de valor haveria para encontrar. Wilse Webb, por sua vez, numa resenha retrospectiva da *Traumdeutung*, observa que "Freud revisou a literatura científica sobre os sonhos em seu primeiro capítulo. O número de citações atesta o notável interesse pelos sonhos antes da publicação de Freud" (1994, p. 56). Sua avaliação desta literatura, contudo, endossa completamente a visão de Freud:

> A avaliação de Freud dessa extensa literatura é sucintamente expressa: 'muitas observações estimulantes podem ser encontradas, mas pouco ou nada que toque a natureza essencial dos sonhos ou ofereça uma solução final para qualquer de seus enigmas'. [...] Em suma, *o ponto de vista científico geral anterior a Freud sustentava que os sonhos fossem atividades mentais confusas, bizarras ou degradadas*, que resultavam da estimulação somática que perturbasse o sono. Tal posição era claramente incompatível com a posição de uma interpretação significativa (Webb, 1994, p. 56, grifos nossos).

Em outro trabalho, ao esboçar uma história da investigação dos sonhos, a autora baseia sua apresentação do período "pré-freudiano" desta história inteiramente na revisão de literatura apresentada na *Traumdeutung*. Por um lado, ela reconhece que esta mesma revisão refuta a ideia prevalente de que a ciência dos sonhos tenha começado *ex nihilo* com Freud. Por outro, ela assume sem questionamento a autoridade da leitura freudiana: "Ela é a mais abrangente revisão que pude encontrar e serve de recurso primário para o presente trabalho" (Webb, 1979, p. 7). Em face de afirmações como essas, Pigman conclui que, "mesmo hoje, o capítulo primeiro [de *A Interpretação dos Sonhos*] pode ser considerado a última palavra sobre a teoria do sonho no século XIX" (2002, p. 141). Stefan Goldman comenta como a literatura sobre o estudo dos sonhos no século XIX frequentemente se contenta em citar ou parafrasear a revisão de Freud, por vezes sem admiti-lo, sem consultar as fontes originais e sem levar em conta o contexto em que a referência de Freud aparece, contentando-se em informar que estas formulações representam os antecedentes históricos da teoria freudiana dos sonhos. Ele fornece como exemplo dessa prática o trabalho de Hammerschmidt-Hummel (1992). Ao comentar a concepção dos

sonhos na obra *Psicologia: a teoria da mente consciente do homem* (1864) do filósofo germânico Immanuel Hermann Fichte (1796-1879) – filho de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) –, a autora reproduz até mesmo os erros de citação e paginação da referência de Freud. Porém, mesmo conhecendo a avaliação crítica de Pigman e estando longe de aceitar a apreciação que Freud faz destes antecedentes pelo seu valor de face, Goldman ainda mantém que "o primeiro capítulo [de *A interpretação dos sonhos*] ainda é a melhor introdução aos problemas e aspectos da investigação dos sonhos na segunda metade do século XIX" (Goldman, 2003, p. 137). Com isso, a autoridade conferida a Freud nesse assunto pode facilmente se converter em fonte de desconhecimento, não apenas de sua dívida para com as tradições que o precederam, mas da própria história dessas tradições.

Uma das razões pelas quais essa representação da investigação sobre os sonhos pôde encontrar credibilidade por tanto tempo é que a história desta investigação é, até o presente, relativamente pouco estudada e apenas parcialmente compreendida. Doris Kaufmann, por exemplo, aponta como o interesse científico e *psicológico* pelos sonhos foi proeminente na cultura burguesa do Iluminismo tardio das décadas finais do século XVIII. Esses estudos, no entanto, foram ignorados por Freud, apesar dos inúmeros pontos em comum que sua abordagem possui com eles. Mais que isso, "eles não apenas foram esquecidos por Freud e seus contemporâneos, mas também pela historiografia posterior sobre as teorias do sonho" (Kaufmann, 2000, p. 67). Mais recentemente, Morgese sustenta que há ainda "uma lacuna na história do sonho e do sonhar, pois não houve nenhum trabalho sistemático neste campo até o presente" (2019, p. 2).

Assim, no âmbito da história das ciências, a pesquisa sobre o sonho foi obscurecida pela influência freudiana, seja pelo próprio impacto da psicanálise na ciência e na cultura, seja, mais diretamente, pela interpretação freudiana de seus predecessores. Este e outros fatores fizeram com que sua história seja ainda hoje conhecida de modo muito fragmentário e lacunar – uma condição que é frequentemente reafirmada pelos trabalhos históricos já existentes (Morgese *et al.*, 2019; Pick; Roper, 2004). Como comentam Lusty e Groth: "a complexa relação entre uma ciência do sonho emergente e um crescente interesse vernacular pela interpretação do sonho [é] uma discussão vibrante e difusa que é frequentemente obscurecida pela publicação de *A Interpretação dos Sonhos de Freud*" (2013, p. viii).

Dentro deste panorama, não é surpreendente que o tema bem mais específico da relação da teoria freudiana com seu contexto científico tenha sido objeto de poucos estudos até o presente. À tendência, ainda dominante na historiografia psicanalítica, de isolar a emergência da psicanálise desse contexto se soma aqui o conhecimento incompleto do próprio contexto. Jones (1953/1972) e Anzieu (1959), de fato, comentaram brevemente a posição de Freud com relação à pesquisa sobre o sonho que o precedeu, mas, de modo geral, eles tão somente dão voz à ideia de que

Freud inaugura uma perspectiva radicalmente nova num campo ainda praticamente inexplorado pela ciência, com algumas esparsas e raras exceções. Talvez o primeiro autor a pôr em questão esta prioridade tenha sido Henri Ellenberger (1970/1994, p. 303-311) que, em seu pioneiro *A descoberta do inconsciente*, efetua uma primeira e sucinta exploração da literatura científica sobre os sonhos abarcando o período que se estende entre o romantismo e Freud. Ele conclui essa exploração afirmando:

> A partir desta breve revisão, pode-se ver que *os investigadores dos sonhos entre 1860 e 1899 já tinham descoberto quase todas as noções* que haveriam de ser sintetizadas por Freud e Jung, além de muitos outros que não receberam ainda suficiente atenção (Ellenberger, 1970/1994, p. 311, grifos nossos).

A apresentação freudiana de seus predecessores permaneceu inquestionada e, assim, aceita pelo seu valor de face. Como se viu acima, Webb (1979) faz uma abordagem descritiva do capítulo inicial de *A interpretação dos sonhos*, mas reconhece incondicionalmente sua autoridade. Apenas a partir de meados dos anos 1980 começam a aparecer uns poucos trabalhos discutindo especificamente a leitura freudiana da ciência dos sonhos anterior a ele, seu sentido, sua função na construção da teoria e sua influência posterior. Lavie e Hobson (1986), num artigo de revisão histórica, mencionam e comentam brevemente a atitude de Freud com relação à literatura sobre os sonhos, mas seu objetivo principal é mapear os desenvolvimentos científicos dos séculos XVIII e XIX e identificar os *insights* e hipóteses que seriam retomadas pela pesquisa neurocientífica experimental dos sonhos a partir dos anos 1950. Eles sustentam também que a emergência da psicanálise representou um hiato prolongado dentro de uma tendência promissora que se desenhava nas ciências do cérebro desse período. A recepção da interpretação freudiana é pelo menos parcialmente responsabilizada pelo desconhecimento dessa tendência:

> Contudo, esses primeiros escritos foram apenas escassamente mencionados na literatura mais moderna. Uma das principais razões para essa negligência é a influência dominante de Freud sobre os escritos do século XX a respeito do sonho. Para muitos, o primeiro capítulo de *A interpretação dos sonhos*, em que Freud revisou a literatura científica sobre os sonhos anterior ao século XX, tem sido o ponto de partida para qualquer discussão das teorias do sonho precedentes (Lavie; Hobson, 1986, p. 229-230).

Esta é uma ideia compartilhada por outros autores no campo das neurociências. Schwartz (2000) argumenta que os estudos sobre os sonhos na segunda metade do século XIX eram próximos, em sua orientação doutrinária e metodológica, aos estudos experimentais que emergiram a partir da segunda metade do século XX, procurando articular o relato dos sonhos e a descrição fenomenológica de seu conteúdo com a investigação experimental dos mecanismos fisiológicos subjacentes que os produzem, conjugando, assim, a perspectiva psicológica e neurocientífica. Esta tendência cientificamente fecunda teria sido interrompida pelo surgimento da

psicanálise, com sua ênfase no conteúdo latente e, mais tarde, do behaviorismo, com seu descaso pela narrativa introspectiva:

> Há muitas analogias surpreendentes entre o modo como os cientistas estão estudando os sonhos no final do século XX e o modo como os cientistas estavam estudando os sonhos no final do século anterior, enquanto que, durante um período intermediário correspondendo à primeira metade do século XX, a pesquisa do sonho foi ou deixada de lado pelos princípios behavioristas ou dominada pelas ideias freudianas (Schwartz, 2000, p. 55).

A consequência desse domínio teria sido abrir um abismo entre a investigação psicológica e neurofisiológica dos sonhos:

> De fato, após a publicação de *A interpretação dos sonhos* em 1900, os estudos baseados exclusivamente no conteúdo manifesto dos sonhos foram desacreditados em benefício da busca pelo "verdadeiro" sonho – ou conteúdo latente – escondido sob o sonho aparente [...]. Por fim, o sistema interpretativo psicanalítico solapou qualquer tentativa de compreender os mecanismos do sonho em termos neurofisiológicos (Schwartz, 2000, p. 56).

Em consequência, "muitos leitores modernos simplesmente desconhecem a rica tradição pré-freudiana que especificamente antecipa muitas descobertas e conceitos da moderna era laboratorial" (Lavie; Hobson, 1986, p. 230). Haveria, ainda, outros efeitos da influência freudiana, como, por exemplo, a ignorância das obras e correntes de pensamento que foram deixadas de lado por Freud, especialmente a tradição britânica, uma vez que ele se concentra nos autores alemães e franceses, com poucas exceções.

Embora, para estes autores, a lacuna de conhecimento ocasionada pela influência de Freud se refira aos estudos fisiológicos sobre os sonhos, a dimensão do interesse psicológico pelo sonho também tendeu a ser subestimada. Kaufmann (2000) enfatiza como a investigação dos sonhos nas décadas finais do século XVIII era predominantemente psicológica. Ela baseia seu estudo, sobretudo, nos trabalhos e relatos de sonhos publicados no *Magazin zur Erfahrungsseelenkunde*, um dos primeiros periódicos de psicologia em língua alemã, misto de publicação científica e magazine cultural endereçado à burguesia intelectualizada da época.[4] Apenas na passagem para o século XIX, uma atitude fisiológica passou a predominar, embora, de meados do século em diante, os estudos psicológicos começassem novamente a se tornar comuns e relevantes. O fato de que Freud tenha restringido sua discussão ao século XIX (exceto por algumas referências às fontes da Antiguidade clássica), teria assim reforçado a impressão de uma predominância de estudos fisiológicos na

4 Uma antologia de estudos de caso dessa revista foi editada por Stefan Goldmann, que também editou a única coletânea disponível de estudos sobre os sonhos referidos por Freud, além de ser o autor do principal estudo a analisar sua relação com esses autores (Goldmann, 2015; 2005; 2003). Uma reedição integral do *Magazin zur Erfahrungsseelenkunde* pode ser encontrada em Nettelbeck e Nettelbeck (1986).

literatura científica. Como se viu acima, a retórica de Freud em *A interpretação dos sonhos* procurou sustentar a ideia de que sua investigação e o método que propõe fossem pioneiras em seu caráter simultaneamente científico e psicológico. Com isso, sua revisão da literatura tende a apresentar os estudos psicológicos, que reconhecem no sonho um produto psíquico de pleno direito e dotado de sentido, como exceções à regra de que predominava na ciência até então uma visão fisiológica, mecanicista e desqualificadora do sonho. Os poucos estudos disponíveis sobre o tema, no entanto, estão longe de sustentar essa interpretação (Pigman, 2000; Sand, 1992; 1999).

O psicanalista e historiador Riccardo Steiner é autor de um trabalho pioneiro e, provavelmente, o primeiro a discutir especificamente o papel dos estudos sobre o sonho consultados por Freud na elaboração de *A interpretação dos sonhos*. Num estudo dedicado à origem dos conceitos de deslocamento e condensação no trabalho de formação do sonho, ele se propõe a investigar, "ainda que apenas parcialmente, algo do estudo e utilização por Freud da literatura sobre os sonhos disponível para ele" (Steiner, 1988, p. 415). Ele observa que, àquela altura, não havia ainda uma reconstrução plausível das fontes de Freud – não há até hoje, pode-se acrescentar – e que é necessário discutir a *intertextualidade* da obra freudiana, discutindo então, sem pretender ser exaustivo, uma amostra bastante representativa dos autores mencionados por Freud.

No ano seguinte, o trabalho do filósofo brasileiro Osmyr Gabbi (1989) é, muito provavelmente, o primeiro estudo dedicado especificamente à leitura freudiana da ciência dos sonhos em toda a literatura da área, nacional ou internacional. Através de uma análise detalhada do primeiro capítulo da *Traumdeutung*, ele explicita a função retórica que este capítulo cumpre na construção e justificação da obra, apresentando a tese freudiana e o argumento pela sua originalidade. Além disso, este capítulo anteciparia a estrutura do livro como um todo. Os temas que Freud explora em sua excursão pela história da pesquisa sobre os sonhos são depois retomados na mesma ordem ao longo da obra, assim como a crítica das posições antes resenhadas, a apresentação das hipóteses alternativas e o reconhecimento dos poucos predecessores dignos de nota. Este trabalho, contudo, tem por objeto o uso freudiano das obras e autores que escreveram sobre o sonho e não um exame independente destas produções.

Mais tarde, Sand (1992) faz uma primeira exploração dessa literatura (ela retornaria ao tema mais tarde), questionando a interpretação freudiana e comentando as ideias de alguns autores cruciais das tradições francesa e alemã que claramente atribuem um sentido à experiência onírica e um papel explicativo à elucidação deste sentido. Ela destaca três autores, todos pertencentes ao ambiente intelectual frequentado por Freud: Jean-Martin Charcot (1825-1893) e Pierre Janet (1859-1947), com os quais ele teve contato próximo em sua experiência na Salpêtrière e através de seus estudos sobre a histeria, e Richard von Krafft-Ebing

(1840-1902), sucessor de Meynert como professor de psiquiatria, diretor da clínica psiquiátrica na Universidade de Viena e também uma das principais referências clínicas e teóricas na elaboração da teoria freudiana da sexualidade. Sand ainda observa que estes são apenas três exemplos dentro de um campo muito mais vasto e que eles têm em comum, ao contrário de Freud, o fato de não se apresentarem como porta-vozes de uma descoberta inovadora, uma vez que se veem trabalhando dentro de uma tradição de pesquisa na qual os sonhos eram ordinariamente reconhecidos como dotados de sentido. Vale a pena, assim, documentar e discutir mais de perto suas abordagens.

**O sonho na Escola da Salpêtriére**

O interesse de Charcot pelos sonhos provinha de múltiplas fontes. Uma delas era o ressurgimento, na medicina francesa, do interesse pelo valor diagnóstico dos sonhos, tanto para doenças orgânicas quanto mentais. Um fator que pode ter contribuído para a revalorização dessa prática, que remonta à medicina hipocrática, foi a maior circulação do pensamento de Hipócrates na medicina francesa a partir da publicação da tradução de Littré, realizada e publicada em dez volumes entre os anos 1839-1861. Esta tradução, aliás, também disseminou no pensamento médico a ideia equivocada de que a histeria era uma entidade clínica reconhecida e descrita desde a Antiguidade, mais ou menos nos termos em que neuropatologia francesa do século XIX a compreendia (King, 1993; Schmidt; Simanke, 2022). No campo da psicopatologia, Esquirol havia já concedido especial atenção aos sonhos dos pacientes e, principalmente, à sua fala ao sonhar – uma prática retomada, senão por Charcot, por outros médicos da Salpêtrière incentivados por ele (Sand, 1999). Outra fonte de seu interesse eram as relações entre o sonho e a hipnose e o reconhecimento progressivo do papel desempenhado pelos fatores psicológicos na causação de certas formas de histeria, sobretudo da histeria traumática masculina (Micale, 2008). Com relação a esta última, a relação entre o sonho e o trauma se fazia evidente, razão pela qual Charcot interrogava regularmente seus pacientes sobre seus sonhos e discutia sua significação com eles e com a audiência durante suas lições públicas. Porém, mesmo na histeria feminina – cuja origem era creditada muito mais a fatores constitucionais e que era tipificada pela "grande histeria", em que os ataques convulsivos se acrescentavam aos sintomas permanentes –, os sonhos recebiam uma atenção especial. As alucinações que marcavam a fase dita das "atitudes passionais" do paroxismo histérico eram consideradas como o "sonho do ataque" e aproximadas dos sonhos noturnos da paciente em suas relações com suas memórias, conscientes ou não, e as circunstâncias da emergência da doença. Gilles de la Tourette (1857-1904), que segue e desenvolve a visão charcotiana da histeria em seus trabalhos, observa, por exemplo, como as impressões que afetam a mente do sujeito podem determinar a emergência da histeria e até mesmo o ataque convulsivo, acrescentando que esses fatores morais – isto é, psíquicos – são

facilmente negligenciados tanto pelo paciente quanto pelo observador médico. O autor prossegue:

> Acreditamos, com efeito, que o primeiro paroxismo pode começar, por exemplo, na sequência de um sonho aterrador. Sabemos que tipo de sonhos assombram o sono dos histéricos e daqueles predispostos à neurose, quais romances aí se formam, quais atentados imaginários podem aí se perpetrar. *O histérico nem sempre se lembra do sonho da noite, mas, inconscientemente, o cérebro recebeu uma impressão vívida o suficiente para realizar ao despertar um paroxismo convulsivo*. [...] Os sonhos determinam, sobretudo, a repetição dos ataques [...] por um mecanismo que é fácil de compreender, estando dado que os indivíduos plenamente possuídos pela neurose são aqueles cujas noites são particularmente perturbadas pelos pesadelos aterrorizantes que nós estudamos (Gilles de la Tourette, 1895, p. 11, grifos nossos).

O parentesco entre os sonhos noturnos e as alucinações histéricas, assim como seu papel na gênese da neurose e da condição mental que a caracteriza é reafirmado em outras passagens:

> O conhecimento desses sonhos, desses pesadelos – falemos claramente, dessas alucinações noturnas – é da mais alta importância para bem apreciar-se o estado mental das histéricas. Elas têm uma grande semelhança com as alucinações do ataque [...], mas são muito mais frequentes que estes últimos, pois se mostram, por assim dizer, todas as noites, ao passo que o ataque é, em suma, um fenômeno relativamente raro. Além disso, o ataque e, portanto, suas alucinações quase nunca passam despercebidos [...], ao passo que a histérica, por assim dizer, é a única testemunha de seus sonhos, que influenciarão o estado mental do dia seguinte, sem que as pessoas que a rodeiam saibam a que atribuir as modificações de caráter que ela vai frequentemente apresentar, sem que ela mesmo possa relacioná-las a seu sonho, que ela pode ter esquecido! Assim se explica, então, muito claramente, a mobilidade dos aspectos que podem estar na base do caráter da histérica, que pode variar de um dia para outro com a mobilidade dos sonhos, dos pesadelos e das alucinações da noite precedente (Gilles de la Tourette, 1891, p. 501).

Uma ilustração clínica retirada da experiência da Salpêtrière e do ensino de Charcot explicita claramente como o sonho era visto como reencenação do trauma causador da neurose e não como um fenômeno aleatório produzido pela atividade errática do cérebro adormecido:

> Uma robusta jovem do campo, apresentando quase nada daquilo que se convencionou – de resto, erradamente – chamar de "temperamento histérico", conduzia, montada à maneira masculina, um cavalo ao bebedouro. O animal empina e eis que a amazona é lançada ao ar, caindo sentada, com todo o seu peso, no meio do rio, aliás pouco profundo. "Sugestão traumática", como diz Charcot: ela se torna triste e inquieta; *todas as noites, ela sonha com o acidente e, numa bela manhã, desperta com uma contratura nas duas pernas: todos os casos são fundidos no mesmo molde* (Gilles de la Tourette, 1891, p. 531-532, grifos nossos).

Como se vê, este caso é considerado representativo da maneira como essa modalidade de histeria ordinariamente se produz. Sand (1992) considera que esta relação entre o sonho e o período de latência que se estende entre o trauma e o surgimento da neurose manifesta seja típica da visão charcotiana da histeria, do papel que o sonho nela assume e da natureza do processo mental subjacente. Aspectos reconhecíveis das concepções freudianas começam a emergir neste contexto:

> Charcot percebeu que a erupção de um sintoma seguindo-se a um trauma não era instantânea, que um período de tempo frequentemente se passava entre o trauma e o surgimento do sintoma. Ele presumia que, durante esse tempo, o sintoma estava sendo produzido por um processo que ele chamou "elaboração mental inconsciente" e se referia a esse tempo como um período de "incubação". Durante esse período de incubação, ocorriam sonhos que pareciam estar envolvidos no processo (Sand, 1992, p. 220).

Não é surpreendente, portanto, que as referências ao sonho se façam presentes nas célebres *Lições das terças-feiras* de Charcot, inclusive nos dois volumes traduzidos por Freud (1887-1888 e 1892-1894). Ali ele se detém sobre diversas características psicológicas dos sonhos. Assim como nos fenômenos histéricos – principalmente aqueles relacionados com os episódios desencadeadores da neurose e os sintomas delirantes e alucinatórios –, a recordação dos sonhos é sempre fragmentária e parcial, e Charcot parece considerar isso como uma indicação de que os mecanismos psicológicos envolvidos sejam semelhantes (Charcot, 1892, p. 113 e 120). Ele considera também que as alucinações oníricas sejam, via de regra, de natureza quase que exclusivamente visual. Contudo, o impacto da vivência traumática pode alterar esta propriedade dos sonhos, fazendo com que elementos acústicos e verbais, por exemplo, se façam presentes (Charcot, 1892, p. 163). De forma semelhante, também as sensações motoras seriam raras nos sonhos. No entanto, em vários pacientes em que o acidente traumático resultou em mutilação ou amputação, se poderia perceber como seus sonhos restituem os membros perdidos e, com eles, as sensações e representações de movimento associadas. Estes casos recebem especial atenção e há longos registros da interlocução de Charcot com pacientes deste tipo. Num relato particularmente longo e detalhado sobre um paciente que tivera a mão esquerda amputada em razão de um acidente ferroviário, pode-se ler:

> *Sr. Charcot*: Assim, ao lado da representação mental dos movimentos voluntários imaginários, é preciso colocar a representação motora dos movimentos involuntários ilusórios. Isso é bastante notável. Seria bem curioso que ele [o paciente] pudesse nos falar de representação motora, durante o sono, nos sonhos. - O Sr. Sonha?
>
> - *O paci*ente: Sim, senhor.
>
> - *Sr. Charcot*: Com sua mão?
>
> - *O paciente*: Frequentemente.
>
> - *Sr. Charcot*: O Sr. Sonha que está de posse de sua mão?

> – *O paciente*: Quando eu sonho, eu sempre tenho a minha mão.
>
> – *Sr. Charcot*: E o Sr. sonha que executa movimentos voluntários?
>
> – *O paciente*: Sim, senhor.
>
> – *Sr. Charcot*: Vejamos, cite um exemplo.
>
> – *O paciente*: Bem... por exemplo, eu sonho frequentemente que faço ainda o controle dos bilhetes, com o trem em movimento.
>
> – *Sr. Charcot*: Poderia nos explicar se o Sr. controla as duas mãos?
>
> – *O paciente*: Sim, com certeza, tudo como antes, com as duas mãos, tenho uma lembrança perfeita (Charcot, 1892, p. 349).

Em acréscimo, pode-se perceber presente aqui, nas entrelinhas, a questão da realização de desejo – o sonho devolve ao sujeito o membro perdido –, embora este aspecto não seja explorado por Charcot, pelo menos não mais do que os estudos sobre o sonho ordinariamente o exploravam. Outros exemplos poderiam ser acrescentados. Um dos mais interessantes é a maneira como o autor vê a intensificação das ideias que compõem o sonho pela ausência de inibição egóica que será retomada por Freud desde as páginas do *Projeto*, em seu primeiro esboço de análise do sonho da injeção de Irma, em que prenúncios do futuro conceito crucial de condensação já se deixam notar. Ao comentar sobre um tipo de experimento hipnótico ("sonambulismo artificial"), Charcot observa que:

> [...] toda ideia introduzida na mente do sujeito pelo experimentador, seja com ajuda da fala, seja de outra maneira, é recebida e *se instala à maneira de um corpo estranho, sem sofrer crítica séria por parte do eu*, que permanece, de um modo ou outro, profundamente adormecido. Ora, *as ideias impostas nesta condição, privadas do controle desse agregado de ideias que chamamos de eu, podem, ao capricho daqueles que as faz nascer, adquirir uma intensidade extrema*, uma potência quase sem limites, *como, aliás, ocorre frequentemente em nossos sonhos* (Charcot, 1892, p. 98, grifos nossos).

Até mesmo a noção da ideia patogênica como um "corpo estranho" enxertado no psiquismo, presente depois nos *Estudos sobre a histeria*, pode ser identificada nesta passagem. Seja como for, essas referências traçam um quadro de uma forte presença dos sonhos no pensamento tardio de Charcot sobre a histeria e a psicopatologia em geral, no qual um interesse cada vez maior pelos aspectos psicológicos desses quadros se manifestava. Gelfand (2024) analisa as notas manuscritas daquela que seria provavelmente a última lição pública de Charcot em maio de 1893, em que um caso clínico de histeria traumática num adolescente parisiense é analisado inteiramente em torno de um pesadelo a partir do qual se desenvolve a configuração sintomática do quadro. Este caso representa, assim, o testemunho final de um processo em que a histeria traumática, os determinantes psicológicos da neurose e os sonhos se deslocam cada vez mais para o centro do palco da medicina charcotiana e de sua escola. De fato, o interesse de Charcot pelo sonho se irradia para diversos

outros membros do grupo da Salpêtrière, tais como Tourette, Bourneville, Féré, Magloire e Janet. Freud pode ser incluído neste grupo. Talvez a primeira referência à psicodinâmica dos sonhos que se pode encontrar nas publicações freudianas se encontra numa de suas notas à tradução das *Leçons du mardi*, nas quais, como se viu, os sonhos ocupam um lugar de destaque. Freud afirma:

> No delírio histérico, introduz-se aquele material de representações e impulsos para agir que a pessoa saudável rejeitou e inibiu, muitas vezes com grande esforço psíquico. Algo similar se aplica a muitos sonhos que prosseguem associações que foram rejeitadas ou interrompidas durante o dia (Freud, 1894/1987, p. 159).

Como se constata, a mesma concepção de Charcot e Tourette sobre a relação entre o sonho e o delírio histérico (o "sonho do ataque") é reiterada aqui. Ainda na linha charcotiana, Freud não deixou de incluir uma referência aos sonhos na sua apresentação de um caso de histeria masculina na Sociedade de Medicina de Viena, incluindo os pesadelos do paciente na sua descrição da sintomatologia: "seu sono era interrompido por aparições aterrorizantes e por sonhos em que ele pensava estar caindo de uma grande altura" (Freud, 1886/1981, p. 27). Mesmo que a afirmação de Sand (1992, p. 219) de que "a emergência do sonho na ciência moderna provavelmente devesse ser creditada a Charcot" seja algo exagerada – afinal a ciência dos sonhos tem uma longa história prévia –, ele certamente merece uma parte importante do crédito por ter colocado o interesse científico freudiano nessa linha de investigação. O mesmo se pode dizer de Pierre Janet, aluno e colaborador de Charcot na Salpêtrière no início de sua carreira, que realizou também extenso trabalho sobre os sonhos e seu papel na eclosão dos transtornos psicopatológicos, além de identificar a importância do *rapport* terapêutico com o médico – em termos distintos, contudo, da transferência freudiana – e a possibilidade de acompanhar os aspectos não conscientes deste vínculo através da maneira como ele se expressa nos sonhos dos pacientes.

## Krafft-Ebing sobre os sonhos e o método da interpretação simbólica

Richard von Krafft-Ebing é outro autor próximo a Freud, para quem os sonhos constituem constante objeto de interesse médico e científico. Ele é um pesquisador mais próximo a Freud do que usualmente se leva em conta. Além de ser seu colega na Universidade de Viena, Freud possuía quatro edições da *Psychopathia sexualis* em sua biblioteca, além de inúmeras outras obras do autor. Como evidência da relativa proximidade profissional entre os dois, pode-se observar que três dessas edições da *Psychopathia Sexualis* tinham dedicatória do autor: "Ao Sr. Prof. Sigmund Freud, com respeito e coleguismo" (7ª edição, 1892); "Ao Sr. colega Sigmund Freud, amigavelmente" (9ª edição, 1894); "Com o respeito e coleguismo" (11ª edição, 1901). A 9ª edição – largamente utilizada por Freud, principalmente na composição dos *Três ensaios* – tem mais de sessenta anotações suas nas margens (Davis; Fichtner, 2004, p. 300-301).

Com relação aos sonhos, Krafft-Ebing lhes atribuía um valor tanto diagnóstico quanto prognóstico para os casos daquelas que eram então descritas como psicopatologias sexuais. Ele considerava, por exemplo, que o sonho fornecia um critério confiável para distinguir entre a homossexualidade congênita e a adquirida, pois homens e mulheres, no primeiro caso, teriam exclusivamente sonhos de conteúdo homossexual, enquanto, no segundo caso, aspectos heterossexuais poderiam ainda se manifestar. O valor diagnóstico dos sonhos se relacionava, assim, tanto aos aspectos conscientes como inconscientes da orientação sexual dos pacientes. Um sujeito com orientação homossexual não admitida teria sonhos em que a atração pelo mesmo sexo se manifestaria, acompanhada de excitação e, às vezes, ejaculação; da mesma forma, um sujeito declaradamente homossexual poderia manifestar num sonho impulsos heterossexuais inconscientes. Ao considerar o que denomina *hermafroditismo psiquismo*, ele comenta:

> O traço característico desse grau de inversão do impulso sexual é que, ao lado do impulso sexual pronunciado pelo mesmo sexo, um desejo pelo sexo oposto está presente; mas este último é muito mais fraco e se manifesta apenas episodicamente, enquanto a homossexualidade é primária e, em duração e intensidade, forma a característica mais marcante da *vita sexualis*. *O impulso heterossexual pode ser apenas rudimentar, se manifestando somente na vida inconsciente (sonho)*; ou (episodicamente, pelo menos) pode se mostrar com força (Krafft-Ebing, 1892/1894, p. 230-231, grifos nossos).

Ele reconhecia, também, claramente, que a presença e manifestação dos impulsos e desejos sexuais nos sonhos de seus pacientes podia se dar de forma direta ou simbólica. Um exemplo típico desta última modalidade é o relato do caso de um paciente masoquista ("Z.") que resistia a se abrir com a esposa sobre suas preferências sexuais:

> O medo de como ela receberia suas proposições e um sentimento de vergonha impediam-no de confessar. Ele encontrou um substituto em seus sonhos. Assim, por exemplo, sonhava que era um corcel orgulhoso e fogoso, montado por uma bela dama. Sentia o seu peso, o freio a que tinha de obedecer, a pressão das coxas sobre os flancos; ouvia a sua voz bela e alegre. O esforço fazia-o transpirar; o toque das esporas fazia o resto, e induzia sempre a ejaculação com um grande prazer luxurioso. Outras vezes, sonhava que era um cavalo pequeno e fraco. Então, uma mulher grande e pesada chegava, montava o cavalo e partia para uma longa viagem pelas montanhas. Implacavelmente e sem piedade, deixava que o pobre animal sentisse o seu peso; instalava-se confortavelmente em seu dorso; quando ele ameaçava ceder sob ela, ela tinha grande prazer e, com tranquilidade, apreciava a bela paisagem. Sob a influência de sonhos como este, há sete anos atrás, Z. venceu a sua relutância, a fim de experimentar tais coisas na realidade (Krafft-Ebing, 1892/1894, p. 11-112).

Sand (1992) sintetiza o essencial da concepção de Krafft-Ebing sobre os sonhos em quatro teses principais: a possibilidade de um desejo sexual inconsciente; a

possibilidade de um desejo sexual (inconsciente ou não) estar representado no sonho; a capacidade de o desejo sexual expresso no sonho influenciar o comportamento do sujeito; o fato de que esta representação possa se dar de forma direta ou simbólica. A autora argumenta que a familiaridade de Freud com o pensamento de Krafft-Ebing não poderia deixar de se estender à sua visão sobre os sonhos e que é razoável assumir que as ideias de Krafft-Ebing a este respeito desempenharam algum papel na formulação das hipóteses freudianas. Num trabalho posterior, ela mantém, ainda, que o reconhecimento do caráter simbólico dos sonhos e a possibilidade de interpretá-los desta maneira é o principal denominador comum das tradições de pesquisa pré-freudianas. O fato de que a concepção sobre o *sentido do sonho* pressuposta por estas correntes de pensamento científico – fortemente baseada na natureza *simbólica* do material onírico – seja, de modo geral, *distinta* daquela sustentada por Freud teria contribuído para tornar mais aceitável a tese defendida depois pela psicanálise de que a ciência anterior não reconhecia nenhuma forma de sentido no sonho. O fato de que a visão da investigação do sonho apresentada em *A interpretação dos sonhos* tenha se tornada *standard*, aliado à expansão e influência cada vez maior da psicanálise, teria, assim, "obscurecido a tradição Ocidental sobre o sonho a tal ponto que, por muito tempo, se acreditou que a própria ideia de que o sonho tinha um sentido houvesse permanecido insuspeitada antes que Freud entrasse em cena" (Sand, 1999, p. 726). Vale a pena observar que Freud não revisou sua atitude com relação à corrente de pensamento que privilegia o simbolismo dos sonhos nem mesmo quando ele próprio passou a incluir a interpretação simbólica em seu método nas reedições de *A interpretação dos sonhos*.

Esta longa e disseminada tradição de interpretação simbólica privilegiava os assim chamados *sonhos revelatórios*, não apenas reconhecendo-os como inerentemente significativos, como também atribuindo a este sentido um papel central na *explicação* de sua ocorrência. Esta tradição estava longe de se restringir a uma visão popular e pré-científica dos sonhos e incluía temas que seriam a seguir privilegiados por Freud, a saber, a realização de desejo, a relação entre o sonho e a patologia mental, o processo de formação do sonho (o *Traumarbeit* freudiano), o papel das associações e dos restos diurnos e, de modo geral, a função do sonho na investigação e conhecimento da mente. Ela era endossada por artistas, escritores e místicos, mas também por filósofos, incluindo aqueles que prepararam o caminho para o surgimento da psicologia científica. Estes últimos tendiam a adotar uma concepção associacionista dos sonhos – por tudo que se viu, mais próxima daquela que seria adotada por Freud –, na contramão da visão do sonho como uma obra criativa da imaginação privilegiada pelos primeiros. Esta divisão não era, de forma alguma, absoluta, com diversos autores combinando as duas perspectivas em diferentes medidas. Assim, o filósofo Friedrich August Carus (1770-1807) enfatizava tanto o caráter criativo, quanto cognitivo do sonho:

> *O sonho é a atividade involuntária, ininterrupta e contínua das forças anímicas* (da mente mais livremente ordenada) durante o estado de sono (com frequência mais fortemente produtiva e poética, embora eventualmente sofrendo uma mudança de direção). [...] O sonho é atividade. Nenhum conceito pode-se associar à vida interior a não ser o de atividade, que se expressa na resistência à dor. Mas essa atividade no sonho está relacionada *a todas as forças anímicas*, e a experiência deve provar que toda força pode estar ativa nos sonhos, mesmo que ora uma, ora outra apareça como mais proeminentemente ativa, de modo que não se possa nomear nenhuma força para cuja eficácia não haja evidência nos sonhos, *sem excluir as mais altas capacidades cognitivas e a profunda razão* (Carus, 1808/1823, p. 181-182, grifos nossos).

Embora Freud considerasse o sonho como um dos paradigmas para a compreensão dos processos primários – e, portanto, distante das operações cognitivas que dependem do estabelecimento do processo secundário –, ele tendia também a situar o sonho mais no registro da *crença* do que no da *imaginação*, reconhecendo um elemento cognitivo e não apenas criativo no fenômeno onírico, de modo que se podem encontrar elementos de ambas as vertentes em sua visão dos sonhos. Umas das teses que guiam a reconstrução feita por Makari (2008) do nascimento e desenvolvimento inicial da psicanálise é que o talento principal de Freud residia mais na sua capacidade de síntese do que na de inovação, ou seja, na capacidade de reunir elementos diversos oriundos de fontes distantes e heterogêneas e articulá-los numa formulação teórica coerente. A sua relação com as diversas correntes de pesquisa sobre os sonhos ilustra bem este ponto de vista, mas ela fica inevitavelmente encoberta pelo desconhecimento dessa história.

## Carl Gustav Carus e Wilhelm Wundt

Tampouco se pode argumentar que a ciência dos sonhos antes de Freud estivesse restrita a personagens marginais ou periféricos do campo científico ou filosófico, pois personagens de primeira grandeza podem ser aí encontrados. Um autor com fortes relações com a história da psicanálise e da psicologia analítica junguiana – o médico, filósofo e pintor alemão Carl Gustav Carus (1789-1869) – pode ser considerado o primeiro teórico a colocar o inconsciente na origem e no centro da vida mental, combinando concepções oriundas do pensamento romântico com uma visão cognitiva do inconsciente como "uma forma de sistema de processamento biológico de informação" (Bell, 2010, p. 159). Ele propõe uma teoria tanto da *gênese* quanto da *estrutura* do inconsciente, distinguindo entre um *inconsciente absoluto*, que corresponde à base biológica e não individualizada da mente, e um *inconsciente relativo*, que já apresenta diversos graus de individuação, culminando com o surgimento da atividade mental consciente e, sobretudo, com a autoconsciência do indivíduo humano. O inconsciente relativo abarca a maior parte da vida mental, incluindo o material consciente que não se encontre presente, num

dado momento, no campo da consciência fenomênica atual, o campo da memória potencial e os conteúdos que pertenceram à consciência, mas foram dela excluídos por alguma razão. Este inconsciente relativo consiste, ainda, num estágio prévio do processamento do material psíquico que lhe confere as propriedades necessárias para o acesso à apreensão consciente. Estas hipóteses prefiguram, até certo ponto, as distinções freudianas entre o inconsciente e o pré-consciente, assim como entre o inconsciente originário e o inconsciente reprimido. Esta proximidade se impõe ainda mais quando se considera que, para Carus, é também do inconsciente relativo que se originam os sonhos, que se formariam tanto a partir do conteúdo emergente do substrato biológico da mente, quanto dos resíduos da experiência consciente da vigília que o estado de sono faz imergir novamente nesse nível mais básico e primitivo e funcionamento psíquico (Simanke, 2022).[5] A ideia de que as características da vida mental consciente se perdem apenas parcialmente nos sonhos e que suas características podem ser explicadas pelo curso dos processos associativos durante o sono aparece claramente enunciada em Carus:

> A alma não pode perder a autoconsciência novamente quando tiver adquirido as condições da consciência, e *assim ela a possui também nos sonhos*; mas dos três estágios nos quais o espírito autoconsciente se desenvolve – compreensão, fantasia e razão – apenas os dois primeiros realmente entram em vigor aqui [...]. Justamente porque a alma funciona apenas imperfeitamente durante o sono, a pessoa mais racional muitas vezes sonha com coisas que parecem absurdas à luz da razão, e é por isso que até mesmo o julgamento nos sonhos é tão imperfeito, de modo que algumas coisas – por exemplo, um discurso que fizemos ou um plano que sonhamos – podem nos parecer bastante extraordinárias em um sonho [...]. Aqui, *nenhuma série de ideias pode ser evocada arbitrariamente*, pois com a abolição da possibilidade de uma atividade externa com força de vontade, com a abolição da atividade mais elevada do espírito em geral, *também é abolida a captação deliberada na consciência de ideias que se tornaram inconscientes*. A série de ideias que permeiam a consciência, mesmo durante o sono profundo, pode, portanto, ser determinada apenas de duas maneiras: ou pelas *associações internas* que unem as próprias ideias [...] *ou pelos sentimentos que surgem de nossas circunstâncias externas ou do estado de espírito de nosso ser interior – ou seja, de nossa vida inconsciente*, e das circunstâncias particulares em que as diferentes províncias de nosso organismo se encontram umas com relação às outras naquele momento específico [...] (Carus, 1846, p. 217-218, grifos nossos).

Carus, no entanto, não é apenas um precursor da psicologia profunda freudiana e junguiana, mas também um autor inteiramente inserido nos debates de sua época em torno do inconsciente, dos sonhos, do sonambulismo, do magnetismo animal e de outros temas afins, pertencendo a uma corrente de pensamento que, de modo algum, começa com ele (Gantet, 2023).

5 Sobre a visão do inconsciente em Carus, ver também Noé (2013; 2015).

Talvez o autor mais próximo a Freud – tanto temporalmente quanto no empenho em formular um projeto amplo para o estudo científico da vida mental – a sustentar uma visão associativa do sonho, na contramão de visões místicas ou esotéricas, seja Wilhelm Wundt (1832-1920).[6] Mesmo que a análise do sonho não se contasse entre seus interesses principais, ele certamente não a excluía do escopo da psicologia científica. Já na primeira edição do seu *Princípios de psicologia fisiológica* – a edição utilizada por Freud na *Traumdeutung* – toda uma seção é dedicada aos processos de produção do sonho, aos "fantasmas oníricos" e à relação do sonho com os transtornos mentais. Incluída no capítulo sobre a *imaginação* (*Einbildung*) dos *Grundzüge*, o pertencimento do sonho a este campo é afirmado desde o início:

> As representações oníricas são, em parte, alucinações e, em parte, ilusões e se distinguem, como todos os fantasmas, das imagens comuns da memória e da fantasia da vida de vigília pela vivacidade da sensação, pelo que se assemelham muito – ou completamente – às imagens da intuição sensível (Wundt, 1874, p. 643).

Os sonhos são discutidos comparativamente com todos os fenômenos aí abordados, tais como a fantasia, a imaginação, as alucinações e as ilusões, e são diretamente tratados na seção final do capítulo (Wundt, 1874, p. 656-664). O sono e o sonho continuam sendo discutidos de forma concisa, mas sistemática, nas edições posteriores da obra, com a ênfase maior sempre colocada nos processos de construção do sonho (Wundt, 1874/1887, p. 437-448).

A teoria associativa do sonho aparece como a via para o tratamento dos fenômenos oníricos dentro dos parâmetros estabelecidos para o estudo científico da mente e, de forma alguma, reduz o sonho a um produto mecânico e desprovido de sentido, ainda que este sentido não constituísse o foco principal de sua abordagem: "Teóricos como Wundt, que baseava seus modelos do sonho na memória e na associação, não excluíam categoricamente toda significação do sonho" (Sand, 1999, p. 733). O papel da memória, das associações e de seu prosseguimento na passagem da vigília para o sono se encontra, assim, das características distintivas do sonho. Estas derivam das características específicas das associações nesse estado e envolvem imagens sensoriais de natureza diversa (visual, auditiva, imagens de movimento, sensações corporais, linguagem etc.):

> As representações oníricas podem, tal como os fantasmas do estado de vigília, produzir a excitação conjunta dos segmentos motores centrais. Os movimentos da fala muito frequentemente com elas se combinam, assim como, muitas vezes, os movimentos pantomímicos dos braços e das mãos. Apenas raramente o sonho traz consigo ações compostas. Via de regra, estas revelam a natureza ilusória das

6 Wundt conheceu o pensamento de Freud e, na 6ª e última edição dos *Princípios de psicologia fisiológica* (Wundt, 1874/1911, p. 640) se referiu depreciativamente a ele como um autor exemplar do estranho fenômeno no qual, naquele momento, a "psicologia mística dos sonhos" se tornava novamente popular nos círculos médicos, especialmente entre os neuropatologistas. Ver a este respeito Millán *et al.* (2023).

> representações oníricas. [...] É bem possível que a ocupação habitual do dia continue normalmente, tanto na ideia quanto na ação, de tal modo que, por exemplo, o criado, à noite, continue limpando calmamente suas botas ou o estudante termine o ensaio que começou a escrever. [...] Em todo caso, condiz, de fato, com a natureza do sonho que estes levem a ações errôneas. Isso não se deve apenas ao caráter dos fantasmas individuais, mas também todo contexto em que estes se baseiam, que se distancia muito do curso regular das representações no estado de vigília. Já mencionamos acima o motivo dessa diferença. Esta reside na propriedade do sonho de formar imediatamente ideias acabadas a partir de impressões e associações intervenientes. Disso resulta essa incoerência das imagens oníricas que, provavelmente, remove a maioria dos sonhos de nossa memória para sempre (Wundt, 1874, p. 660-661).

As propriedades dos sonhos que resultam na fragilidade dos nexos associativos e nessa incoerência (*Zusammenhanglosigkeit*) das imagens oníricas não impedem a interpretação simbólica, mas, ao contrário, se encontra na sua base e a explica, na medida em que esta interpretação consiste em restituir os nexos rompidos pelas ideias intervenientes. A visão do sonho que Freud propõe no *Projeto* ainda recorre decisivamente a esta fragilidade associativa para dar conta das peculiaridades do sonho e do fato de que sua significação como realização de desejo nem sempre seja imediatamente reconhecível, na ausência da hipótese de uma distorção ativa do conteúdo manifesto do sonho pela repressão e pela censura que será introduzida depois. Wundt discorre longamente sobre os nexos simbólicos que emergem dessa frouxidão nos elos associativos entre as ideias que compõem o sonho, que levam a conexões abruptas com as imagens intervenientes. As excitações sensoriais se convertem em ideias fantásticas. Devido ao nexo imediato entre as ideias oníricas e as sensações corporais, o impulso de urinar, comum à noite, faz com a água seja um tema recorrente nos sonhos: um poço, um rio ou bexigas suínas que nele flutuem. As sensações de fome e sede produzem imagens de banquetes, refeições e bebidas; uma tontura se expressa como a vertigem produzida por uma alta torre; a respiração se manifesta como voo ou queda, a dor como um monstro, e assim por diante. Em todos estes casos, as imagens resultam da combinação forçada entre as ideias provenientes das sensações corporais com outras de origem distinta: "Assim, essas representações externas podem ter, então, surgido seja através da livre reprodução das impressões da vida de vigília, seja, até mesmo, a partir de impressões sensoriais imediatas" (Wundt, 1874, p. 659).

## Explicações fisiológicas e psicológicas dos sonhos antes de Freud

Pigman (2002, p. 142), que empreende um dos mais abrangentes estudos da relação de Freud com a ciência dos sonhos que o precedeu, além de apontar também a distorção produzida pela influência de Freud na percepção do estado dessas pesquisas no século XIX, enfatiza a função retórica de sua leitura: "a revisão de Freud da literatura sobre o sonho faz sua própria teoria parecer mais revolucionária

do que ela realmente é". Segundo ele, Freud emprega duas estratégias combinadas para alcançar este objetivo. Em primeiro lugar, ele define o que seria uma teoria psicológica dos sonhos plenamente desenvolvida de tal modo que apenas sua própria teoria satisfaça todos os critérios – basicamente, reconhecer universalmente o sonho como a realização de um desejo e, sobretudo, como a realização distorcida de um desejo inconsciente reprimido, cujas raízes remontam, em última instância, aos desejos infantis mais primitivos. Com isso, Freud é capaz de argumentar que seus predecessores, quando muito, vislumbraram aspectos parciais da natureza do sonho, que apenas ele teria articulado numa teoria coerente e abrangente. Em segundo lugar, ele apresenta as teorias por ele resenhadas de tal maneira que os estudos psicológicos que reconhecem o sentido dos sonhos e a possibilidade de sua interpretação aparecem como honrosas exceções, enquanto a norma seriam os estudos fisiológicos que consideram os fenômenos oníricos como uma reverberação psíquica mais ou menos aleatória das funções cerebrais alteradas que caracterizam o estado de sono.

Embora ambos os tipos de teorias possam ser encontrados na literatura, Pigman argumenta que estudos exclusivamente mecanicistas eram relativamente raros e conviviam com teorias psicológicas ou com estudos de base fisiológica que, ainda assim, reconheciam o papel dos determinantes psicológicos (memória, imaginação, desejos) na elucidação do sonho: "Mesmo aqueles que acreditam mais firmemente na exclusiva origem dos sonhos nos estímulos somáticos não negam que eles sejam fenômenos psíquicos" (Pigman, 2002, p. 151). Como exemplo desta estratégia, ele analisa a maneira como Freud apresenta o ensaio do químico e farmacêutico alemão Carl Binz (1878), Über den Traum, como *típico* da corrente majoritária na ciência dos sonhos do século XIX. Ao contrário, Pigman argumenta, trata-se aí de uma posição *extrema*, em seu esforço de reduzir o sonho a um fenômeno somático e quase patológico, resultante das condições fisiológicas e bioquímicas em que o cérebro opera durante o sono: "Ninguém mais vai tão longe quanto Binz" (Pigman, 2002, p. 151). O autor comenta ainda que, dos cinquenta autores citados no capítulo inicial de *A interpretação dos sonhos* em sua primeira edição, apenas August Krauss (1859), Wilhelm Weygandt (1893) e Philippe Tissié (1890), de fato, consideram que os estímulos somáticos sejam a única causa dos sonhos, aos quais se poderiam acrescentar, segundo ele, Oswald Külpe (1893) e Edward Titchener (1898), que não são mencionados por Freud. No contexto da copiosa literatura sobre os sonhos do período, esta dificilmente poderia ser considerada uma posição dominante.

Pode ser instrutivo apresentar com mais detalhes um exemplo ilustrativo deste tipo de argumentação. Freud atribui também uma concepção inteiramente somática do sonho a um autor designado apenas como "W. Robert" (1886). A identidade do autor é desconhecida. O livro é assinado apenas como "W. Robert". Há trabalhos que se referem a ele como "Wilhelm Robert" (Tögel, 1983; Ates,

2023), mas sem nenhuma justificação ou especificação de fonte. Goldman (2003, p. 178, n. 173) afirma não ter encontrado nenhuma informação sobre o autor nos arquivos de Hamburgo, onde a monografia foi publicada, e supõe se tratar de um pseudônimo. Algumas menções em reedições de seu trabalho apresentam-no como filósofo e psicólogo, mas ele talvez fosse, antes, um dos tantos teólogos que se interessavam pelo problema do sonho – tal como Friedrich Wilhelm Hildebrandt (1811-1893), uma das principais fontes de Freud na *Traumdeutung* –, pois seu editor, Hermann Seippel, era especializado em jurisprudência, belas letras e teologia liberal protestante. Nelson (1888, p. 330-331) apresenta um breve *compte-rendu* da obra, ao lado de outros trabalhos sobre os sonhos, mas tampouco fornece qualquer informação sobre o autor.

Robert, contudo, parece se referir a uma visão fisiológica dos sonhos apenas nas suas menções a outros autores, incluindo Binz. De resto, a ênfase de seu opúsculo repousa quase que completamente no mecanismo psíquico e na função adaptativa que ele atribui ao sonho, na qual a noção de um "trabalho do sonho" (*Traumarbeit*) – à qual Freud, como se sabe, atribui um lugar central em sua teoria – aparece pela primeira vez na literatura psicológica. Para Robert, o sonho é uma necessidade fisiológica e psicológica. Ele parte da hipótese, enunciada já no próprio título de seu trabalho – *O sonho explicado como necessidade natural* –, de que a natureza nada faz ou preserva desnecessariamente. Assim, deve haver uma razão para o sonho ocorrer, a qual, a seu ver, reside num trabalho de eliminação de imagens, sensações ou impressões que, de outra maneira, poderiam sobrecarregar o cérebro e, no limite, levar à doença mental. Este esforço teria por alvo, sobretudo, conteúdos fragmentários ou não inteiramente processados – percepções confusas, ideias apenas parcialmente consideradas, fantasias ociosas, lembranças fugidias etc. –, os quais, caso essa eliminação não ocorresse, permaneceriam como uma espécie de entulho comprometendo o desempenho neuropsíquico:

> Uma pessoa privada da capacidade de sonhar se tornaria, no devido tempo, mentalmente perturbada, porque se acumularia no seu cérebro uma vasta quantidade de pensamentos incompletos, irrefletidos e impressões superficiais, sob cujo ímpeto seria sufocado aquilo que poderia ser integrado na memória como uma totalidade consumada (Robert, 1886, p. 32).

Comentando essa passagem, Tögel (1983, p. 480) sustenta que "a investigação moderna sobre o sonho tem confirmado de forma brilhante essa hipótese". Pode-se, talvez, ver aí os primeiros vislumbres da função hoje reconhecida do sono R. E. M., em que ocorre a maioria dos sonhos, na consolidação e corticalização das memórias permitindo sua conservação e integração. A mesma coisa pode ser dita da função que Freud atribui aos *restos diurnos* na formação do sonho – que ele, aliás, explicitamente associa com as ideias de Robert no Capítulo I de *A interpretação dos sonhos*. Trata-se de um trabalho cujos mecanismos celulares e moleculares continuam sendo

experimentalmente investigados pela neurociência contemporânea (Almeida-Filho *et al.*, 2018; Klinzing *et al.*, 2019).

É precisamente este processo de seleção, consolidação e descarte que se manifesta como o sonho na experiência do sujeito adormecido. Robert denominou-o "trabalho do sonho" (*Traumarbeit*), procedimento através do qual este material é elaborado, selecionado e, então, consolidado como memória e incorporado à vida mental ativa durante a vigília ou, caso contrário, definitivamente descartado e esquecido. Embora a noção de *Traumarbeit* de Robert seja indiscutivelmente distinta da de Freud, as duas compartilham a ideia de que o sonho não seja um produto puramente espontâneo e inócuo da atividade mental durante o sono, mas antes o resultado de uma série complexa de operações guiadas por uma meta, tanto fisiológica quanto psicológica. Daí que Goldman (2003, p. 179) observe que "antes de Freud, ninguém no âmbito da investigação do sonho parece ter enfatizado tanto a 'necessidade de elaboração' (*Nötigung zur Ausarbeitung*) e a explicado como a única função do sonho quanto Robert" e conclui, com base neste paralelo entre os dois, que "podemos supor que Freud tenha se deixado conduzir por Robert em sua teoria dos sonhos" desde os primeiros passos nessa direção.[7] Apesar das diferenças entre as duas concepções, a natureza psíquica do trabalho do sonho para Robert é bastante clara e algumas de suas formulações apresentam, por vezes, notáveis pontos de contato com as ideias freudianas:

> Como já vimos, as causas que originam os sonhos são impressões sensoriais que não chegaram à consciência plena. O mais natural é que entre elas se encontrem muitas vezes aquelas que são recebidas instintivamente no ondular da vida quotidiana, ocupando e cativando incessantemente o espírito. É natural que tais impressões, por causa da sua importância para o bem-estar intelectual ou físico do indivíduo, se aprofundem nos sonhos. Ora, *se aquilo que só é sentido instintivamente* (*inconscientemente*) – *e só chega à consciência através do trabalho do sonho* – ingressa na vida de uma pessoa como um acontecimento, o sonho pode ser para ela um profeta, um arauto ou um protetor moral (Robert, 1886, p. 34, grifos nossos).

Apesar das críticas que endereça a Robert, quando Freud discorre sobre a função do sonho como "guardião do sono" na Seção D do Capítulo VII da *Traumdeutung*, ele reconhece uma afinidade entre as hipóteses deste autor e sua própria concepção de que a descarga da tensão produzida pela ativação dos desejos inconscientes durante o sono, através da sua realização alucinatória, serve à função biológica de prevenir o despertar: "um olhar sobre a 'teoria da eliminação' de Robert [...] mostrará que devemos concordar com este autor, quanto ao essencial, na determinação da função do sonho" (Freud, 1900/1982, p. 551). Ele mantém,

7 Goldman (2003, p. 179) informa ter-se inteirado, através de uma comunicação pessoal de Christfried Tögel, de que Freud adquiriu o opúsculo de Robert em Hamburgo – cidade em que residia a família de sua esposa – já no ano de seu casamento em 1886, o mesmo ano em que o livro foi publicado.

contudo, que discorda dos pressupostos e da visão geral de Robert sobre a natureza dos processos oníricos. Seja como for, Freud não parece ter jamais associado sua própria visão do *trabalho do sonho* com o conceito deste autor.

**Conclusão**

Outros exemplos poderiam ser fornecidos do intenso intercâmbio de Freud com as tradições científicas que precederam a psicanálise para evidenciar que qualquer análise crítica da posição freudiana pressupõe o estudo independente de suas fontes, assim como da identificação e análise daquelas que foram omitidas ou permaneceram ignoradas. Métraux (2000) empreende também este trabalho, afirmando enfaticamente a sua necessidade e analisando alguns exemplos de teorias do sonho do final do século XIX a fim de ilustrar, não apenas as diferenças, mas também um núcleo de elementos compartilhado com a *Traumdeutung* freudiana. Carroy (2007; 2019), por sua vez, situa Freud no contexto da tradição francesa dos "cientistas sonhadores" ou "sonhadores cientistas". Segundo ela, ao lado de estudos experimentais e neurofisiológicos, havia toda uma corrente de pensamento que procurava investigar as características dos sonhos a partir de coleções de relatos pessoais cuidadosamente analisados. Estes estudos se consideravam científicos e se empenhavam, tal como Freud, em distanciar-se dos livros populares do tipo "chave dos sonhos". Os resultados, publicados sob a forma de "livros de sonhos" contendo os relatos e suas análises se assemelhavam em muitos aspectos à *opus magnum* de Freud:

> [Este trabalho] inclui a formação dos sonhos através de sua ancoragem corporal (possivelmente sexual) ou pela transformação de sensações externas. As visões e vozes noturnas podem também emergir de imagens e memórias ou das associações de ideais subjacentes. Em vez de anunciar o futuro, os sonhos refletem uma memória, seja ela recente, antiga ou, mesmo, extraída da primeira infância: o cientista sonhador combate, assim, as superstições ao analisar esses sonhos e o sonho em geral (Carroy, 2019, p. 21).

Estes não são os únicos precedentes metodológicos. Talvez um dos trabalhos mais citados e mais valorizados por Freud seja o de Hildebrandt (1875) que, por si só, merece um estudo em separado na história da ciência dos sonhos e por isso não pôde ser discutido aqui. Segundo Goldman, Freud não poderia deixar de perceber uma convergência entre sua própria maneira de tratar os problemas científicos – se endereçando a concepções divergentes e contrastantes, apropriando-se criticamente destas concepções e integrando-as numa teoria relativamente consistente – e o procedimento de Hildebrandt em seu breve estudo, que enfatiza expressamente o caráter antinômico das visões sobre o sonho e a necessidade de uma teoria do processo de formação do sonho para ultrapassar e conciliar essas contradições, a qual teria que ser alcançada pelo estudo genético da constituição das imagens oníricas. "Por causa desse método", diz Goldman (2003, p. 142), "que argumenta pelos dois

lados, Freud valoriza o curto escrito do teólogo Hildebrandt como 'a contribuição mais consumada e ponderada para a investigação do problema dos sonhos' que ele poderia encontrar na literatura". Um método semelhante de compilação e análise crítica de concepções contrastantes poderia também ser encontrados em outros autores que desempenham um papel proeminente na elaboração de *A interpretação dos sonhos*, tais como os filósofos Ludwig Strümpell (1812-1899) e Johannes Volkelt (1848-1930).

Haveria muito mais autores e perspectivas que poderiam ser citados, mas aqueles até agora apresentados devem bastar para fornecer um panorama mínimo do contexto intelectual em que a pesquisa de Freud sobre os sonhos germina e para afastar a ideia de que ela surge do nada numa terra desolada, carente de ideias e, por isso, desprovida de qualquer papel na criação exclusivamente psicanalítica de uma abordagem científica sistemática dos sonhos. Do ponto de vista de uma história das ideias ou de uma história cultural da ciência, o estudo do desenvolvimento da pesquisa sobre os sonhos anterior à psicanálise se justifica por si só, como um capítulo relevante e ainda pouco explorado destes percursos. Da perspectiva da história da psicanálise, reconstruir os laços entre a abordagem de Freud e as diversas tradições de pesquisa consolidadas antes dele contribui para o trabalho de resgatar as raízes intelectuais da psicanálise, criando condições para um conhecimento mais objetivo, rigoroso e informado de seu processo de constituição.

**Referências bibliográficas**

ALMEIDA-FILHO, D. G.; QUEIROZ, C. M.; RIBEIRO, S. (2018). "Memory corticalization triggered by REM sleep: mechanisms of cellular and systems consolidation". In: *Cellular and Molecular Life Sciences*, 7(20).

ANDERSSON, O. (1962). *Studies in the prehistory of psychoanalysis*: the etiology of psychoneuroses and some related themes in Sigmund Freud's scientific writings and letters, 1886-1896. Uppsala: Norstedts.

ATES, M. (2023). *Phänomenologie des Traums*. Hamburg: Felix Meiner Verlag.

ANZIEU, D. (1959). *L'auto-analyse de Freud et la découverte de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.

BELL, M. (2010). "Carl Gustav Carus and the science of the unconscious". In: NICHOLLS, A.; LIEBSCHER, M. (eds.). *Thinking the unconscious*: nineteenth-century German thought. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

BINSWANGER, L. (1928). *Wandlungen in der Auffassung und Deutung des Traumes von den Griechen bis zur Gegenwart*. Berlin: Verlag von Julius Springer.

BINZ, C. (1878). Über den Traum. Bonn: Adolph Marcus.

CARROY, J. (2007). "Savants rêveurs et rêveurs savants: Freud lecteur de la science française des rêves". In: *Psychiatrie, Sciences Humaines, Neurosciences*, 5.

_____. (2019). "A history of dreams and the science of dreams: historiographical questions". In: MORGESE, G.; LOMBARDO, G. P.; KEMP, H. V. (eds.). *Histories of dreams and dreaming*: an interdisciplinary perspective. Cham, CH: Palgrave-Macmillan.

CARUS, C. G. (1846). *Psyche*: zur Entwicklungsgeschichte der Seele. Pforzheim: Flammer und Hoffman.

CARUS, F. A. (1823). *Psychologie. Vol.II*. 2.Ed. Leipzig: Johan Ambrosius Barth und Paul Gotthelf Kummer. (Original publicado em 1808)

CHARCOT, J.-M. (1892). *Leçons du mardi à la Salpêtrière. Policlinique (1887-1888)*. Tome I, 2.ed. Paris: Bureaux du Progrès Médical et Vve. Babét et Cie., Libraires-Éditeurs.

DAVIS, J. K.; FICHTNER, G. (2004). *Freud's library*: a comprehensive catalogue. London and Tübingen: Freud Museum and Edition Diskord.

ELLENBERGER, H. (1994). *The discovery of the unconscious*: the history and evolution of dynamic psychiatry. London: Fontana Press. (Original publicado em 1970)

FFYTCHE, M. (2012). *The foundation of the unconscious*: Schelling, Freud, and the birth of the modern psyche. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

FICHTE, I. H. (1864). *Psychologie*: Die Lehre vom bewussten Geiste des Menschen oder Entwincklungsgeschichte des Bewusstseins, begründet auf Anthropologie und innerer Erfahrung (Vol. I). Leipizig: F. A. Brockhaus.

FREUD, S. (1981). "Observation of a severe case of hemi-anesthesia in a hysterical male". In: STRACHEY, J. (ed.). *The standard edition of the complete psychological*

*works of Sigmund Freud* (Vol. I). London: The Hogarth Press and The Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1886)

_____. (1982). "Die Traumdeutung". In: MITSCHERLICH, A.; RICHARDS, A.; STRACHEY, J. (eds.). *Studienausgabe* (Vol. 2). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1900)

_____. (1987). "Vorwort und Anmerkungen zur Übersetzung von J.-M Charcot, *Leçons du mardi à la Salpêtrière*". In: RICHARDS, A. & GRUBRICH-SIMITIS, I. (eds.). *Gesammelte Werke. Nachtragsband: Texte aus den Jahren 1885 bis 1938*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. (Original publicado em 1894)

GABBI JR, O. F. (1989). "A leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho". In: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 2, 1(2).

GANTET, C. (2023). "Un precursore? Inconscio, sogno e sonnambulismo magnetico in Carl Gustav Carus (1789-1869)". In: *Il Sogno Della Farfalla*, 32(4).

GELFAND, T. (2024). "Dreams: Charcot's last words on hysteria". In: *Bulletin of the History of Medicine*, 98(1).

GILLES DE LA TOURETTE, G. (1891). *Traité clinique et thérapeutique de l'hystérie d'après l'enseignement de la Salpêtrière*: hystérie normale ou interparoxystique. Paris: E. Plon, Nourrit & Cie., Imprimeurs-Éditeurs.

_____. (1895). *Traité clinique et thérapeutique de l'hystérie d'après l'enseignement de la Salpêtrière. Seconde partie: hystérie paroxystique*. Paris: E. Plon, Nourrit & Cie., Imprimeurs-Éditeurs.

GOLDMANN, S. (2003). *Via regia zum Unbewußten*: Freud und die Traumforschung im 19 Jahrhundert. Gießen: Psychosozial Verlag.

_____. (ed.). (2005). *Traumarbeit vor Freud*: Quellentexte zur Traumpsychologie im späten 19. Jahrhundert. Gießen: Psychosozial Verlag.

_____. (ed.). (2015). *Berühmte Fälle aus dem Magazin zur Erfahrungsseelenkunde*: Eine Anthologie. Gießen: Psychosozial Verlag.

HALL, J. (1984). "The use of dreams and dream interpretation in analysis". In: STEIN, M. (ed.). *Jungian analysis*. Boulder, CO: Shambala Publications.

HAMMERSCHMIDT-HUMMEL, H. (1992). *Die Traumtheorien des 20. Jahrhunderts und die Träume der Figuren Shakespeare*: mit einem Abriss philosophischer und literarischer Traumauffassungen von der Antike bis zur Gegenwart. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag.

HILDEBRANDT, F. W. (1875). *Der Traum und seine verwerthung für's Leben*: eine psychologische Studie. Leipzig: Verlag von Edwin Schloemp.

JONES, E. (1972). *The life and work of Sigmund Freud. Vol. I (1856-1900)*: The young Freud. London The Hogarth Press. (Original publicado em 1953)

JONES, R. M. (1979). "Freudian and post-Freudian theories of dreams". In: WOLMAN, B. B. (ed.). *Handbook of dreams*: research, theory, and applications. New York: Van Nostrand Reinhold Company.

KAUFMANN, D. (2000). "Dreams and self-consciousness: mapping the mind in the late eighteenth and early nineteenth centuries". In: DASTON, L. (ed.). *Biographies of scientific objects*. Chicago: University of Chicago Press.

KING, H. (1993). "Once upon a text: hysteria from Hippocrates". In: GILMAN, S.L.; KING, H; PORTER, R.; ROUSSEAU, G. S.; SHOWALTER, E. (eds.). *Hysteria beyond Freud*. Berkeley, CA: University of California Press.

KLINZING, J. G.; NIETHARD, N.; BORN, J. (2019). "Mechanisms of systems memory consolidation during sleep". In: *Nature Neuroscience*, 22(10).

KOENIG-FACHSENFELD, O. (1935). *Wandlungen des Traumproblems von der Romantik bis zur Gegenwart*. Stuttgart: Ferdinand Enke.

KRAFFT-EBING, R. (1894). *Psychopathia sexualis, with especial reference to contrary sexual instinct*: a medico-legal study. Philadelphia: The F. A. Davis Company, Publishers. (Original publicado em 1892)

KRAUSS, A. (1859). "Der Sinn im Wahnsinn: eine psychiatrische Untersuchung". In: *Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie*, v. 16.

KÜLPE, O. (1893). *Grundriss der Psychologie auf experimenteller Grundlage dargestellt*. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann.

LAVIE, P. ; HOBSON, J. A. (1986). "Origin of dreams: anticipation of modern theories in the philosophy and physiology of the eighteenth and nineteenth centuries". In: *Psychological Bulletin,* 100(2).

LUSTY, N.; GROWTH, H. (2013). *Dreams and modernity*: a cultural history. London and New York: Routledge.

MAKARI, G. (2008). *Revolution in mind: the creation of psychoanalysis*. New York: Harper Perennial.

MARINELLI, L.; MAYER, A. (2003). *Dreaming by the book*: Freud's "The interpretation of dreams" and the history of the psychoanalytic movement. New York: The Other Press.

MÉTRAUX A. (2000). "Räume den Traumforschung vor und nach Freud". In: MARINELLI, L.; MAYER, A. (eds.). *Die Lesbarkeit der Träume*: zur Geschichte von Freuds "Traumdeutung". Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag.

MICALE, M. (2008). *Hysterical men*: the hidden history of male nervous illness. Cambridge, MA: Harvard University Press.

MILLÁN, J. D. et al. (2023). "Una historia de paralaje conceptual: un estudio sobre las influencias mutuas entre las obras de Wundt y Freud". In: *En-Claves del Pensamiento*, v. 34.

MORGESE, G. (2019). "A vast ocean of neglected dream studies". In: MORGESE, G.; LOMBARDO, G. P.; KEMP, H. V. (eds.). *Histories of dreams and dreaming*: an interdisciplinary perspective. Cham, CH: Palgrave-Macmillan.

MORGESE, G.; LOMBARDO, G. P.; KEMP, H. V. (eds.). (2019). *Histories of dreams and dreaming*: an interdisciplinary perspective. Cham, CH: Palgrave-Macmillan.

NELSON, J. (1888). "Psychological literature III : abnormal psychology". In: *American Journal of Psychology*, (2).

NETTELBECK, U.; NETTELBECK, P. (eds.). (1986). *Gnothi Sauton oder Magazin zur Erfahrungsseelenkunde als ein Lesebuch für Gelehrte und Ungelehrte in 10 Bänden (1783-1793)*. Nördlingen: Franz Greno.

NOÉ, S. V. (2013). "Quando a ideia se reconhece: psique e autoconsciência em Carl Gustav Carus". In: *Númen: Revista de Estudos e Pesquisas da Religião*, v. 21.

NOÉ, S. V. (2015). "O inconsciente é a chave para o consciente: a psique humana segundo C. G. Carus". In: *Estudos Teológicos*, v. 55.

PICK, D.; ROPER, L. (2004). *Dreams and history*: the interpretation of dreams from ancient Greece to modern psychoanalysis. London and New York: Routledge.

PIGMAN III, G. W. (2002). "The dark forest of authors: Freud and nineteenth-century dream theory". In: *Psychoanalysis and History,* 4(2).

ROAZEN, P. (1975). *Freud and his followers*. New York: Alfred A. Knopf.

ROBERT, W. (1886). *Der Traum als Naturnothwendigkeit erklärt*. Hamburg: Hermann Seippel.

SAND, R. (1992). "Pre-Freudian discovery of dream meaning: The achievements of Charcot, Janet, and Krafft-Ebing". In: GELFAND, T.; KERR, J. (eds.). *Freud and the history of psychoanalysis*. London: Routledge.

_____. (1999). "The interpretation of dreams: Freud and the Western dream tradition". In: *Psychoanalytic Dialogues*, 9(6).

SAND, R. S. (2014). *The unconscious without Freud*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

SAUERTEIG, L. (2012). "Loss of innocence: Albert Moll, Sigmund Freud, and the invention of childhood sexuality". In: *Medical History*, 56(2).

SCHMIDT, E.; SIMANKE, R. T. (2022). "History of hysteria: Ilza Veith's legacy". In: *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, 25(2).

SIMANKE, R. T. (2016). "Freud e a sexualidade infantil antes de Freud". In: BIRMAN, J.; FULGÊNCIO, L.; LEAL, E; KUPERMANN, D. (eds.). *Amar a si mesmo e amar o outro*: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea. São Paulo: Editora Zagodoni.

SIMANKE, R. T. (2020). "Considérations préliminaires à propos d'une méthode historico-philosophique pour la recherche conceptuelle en psychanalyse: une réflexion à partir de l'expérience brésilienne". In: *Critical Hermeneutics – Biannual International Journal of Philosophy*, 4(2).

_____. (2022). "O esquecimento e a história: a psicologia do inconsciente de Carl Gustav Carus". In: *Eleuthería*, 7(12).

SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. (2017). "Hagiografia e difamação na história da psicanálise: as duas faces do excepcionalismo". In: FONSECA, E. R.; BOCCA, F. V.; ALMEIDA, R. M.; LOPARIC, Z. (eds.). *Pluralismo na psicanálise*. Curitiba: PUCPress.

_____. (2018). "Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise". In: FULGÊNCIO, L.; BIRMAN, J.; KUPERMANN, D.; CUNHA, E. L. (eds.). *Modalidades de pesquisa em psicanálise*: métodos e objetivos. São Paulo: Zagodoni Editora.

SIMANKE, R. T.; PINTO, W. C. F. (2021). "História e filosofia da psicanálise: fundamentos e questões de método". In: *Eleuthería – Revista do Mestrado Profissional em Filosofia da UFMS,* 6(10).

SIMANKE, R. T.; PINTO, W. C. F.; PEREZ, D. O.; LONER, I. (2025). "Entrevista com Richard Theisen Simanke: o caso da filosofia brasileira da psicanálise". In: *Trans/Form/Ação – Revista de Filosofia da UNESP*, 48(1).

SCHWARZ, S. (2000). "A historical loop of one hundred years: similarities between 19th century and contemporary dream research". In: *Dreaming*, 10(1).

STEINER, R. (1988). "'Paths to Xanadu': some notes on the development of dream displacement and condensation in Sigmund Freud's 'Interpretation of dreams'". In: *International Review of Psychoanalysis*, 15.

TISSIÉ, P. A. (1890). *Les rêves: physiologie et pathologie*. Paris: Félix Alcan Éditeur.

TITCHENER, E. B. (1898). *A Primer of Psychology*. New York and London: The Macmillan Co.

TÖGEL, C. (1983). "Traum und Schizophrenie". In: *Psychiatrie, Neurologie und medizinische Psychologie*, 35(8).

WEBB, W. B. (1979). "A historical perspective on dreams". In: WOLMAN, B. B. (ed.). *Handbook of dreams*: research, theory, and applications. New York: Van Nostrand Reinhold Company.

_____. (1994). "Retrospective review: Sigmund Freud's *The Interpretation of Dreams*". In: *Dreaming*, 4(1).

WEYGANDT, W. (1893). *Entstehung der Träume*: eine psychologische Untersuchung. Leipzig: Grübel & Sommerblatte.

WOLMAN, B. B. (1979). "Preface". In: WOLMAN, B. B. (ed.). *Handbook of dreams*: research, theory, and applications. New York: Van Nostrand Reinhold Company.

WUNDT, W. (1874). *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann.

_____. (1887). *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. v. 2. 3ed. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann. (Original publicado em 1874)

_____. (1911). *Grundzüge der physiologischen Psychologie*, v. 3. 6ed. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann. (Original publicado em 1874)

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.